

10 SET 1988

JORNAL DO BRASIL

Eu não mereço morrer

Geneton Moraes Neto

UM ano e nove meses depois de tropeçar nas urnas como candidato do PDT ao governo do Rio de Janeiro, o etnólogo, antropólogo, professor, ex-ministro, ex-vice-governador, intelectual polivalente e agora "romancista assumido" Darcy Ribeiro festeja um encontro tantas vezes adiado com a literatura. Liberto das obrigações da política partidária, pôde, finalmente, mergulhar de corpo e alma na trabalhosa confecção de um romance que terminou se estendendo por 422 páginas e ganhando um título esquisito: *Migo* (Editora Guanabara, 422 páginas,

Cz\$ 4.830,00). Nesta entrevista, ele descreve o ato de escrever como "uma golfada do inconsciente", conta que mantém inédito até hoje um diário de duas mil páginas sobre os dez anos que viveu entre os índios e, aos 65 anos, se declara comovido diante da idéia do envelhecimento e da morte: "Não mereço." Faz também uma confidência política: Tancredo Neves disse ao ex-governador Leonel Brizola que faria em dois anos o que o presidente Sarney agora quer fazer em cinco. Inquieto, polêmico, falante, emocionado, Darcy Ribeiro terminou transformando a entrevista numa comovida declaração de amor à vida, e, no final, propôs ao repórter: "Quer trocar meu passado por seu futuro?"

Ronaldo Sousa



Darcy Ribeiro: "Os grandes amores do escritor são feitos de papel"

— Você diz que *Migo* é um romance esquisito. De onde vem a esquisitice?

— Fiz o livro pelo gozo de fazer. É um livro cheio de mau gosto, cacofonias, uma linguagem às vezes infantil. É o gozo da língua. Se os ingleses aceitam a repetição dentro da frase, as rimas, os remordimentos, por que é que a gente não aceita? Descobri a esquisitice no fazimento do livro. Dou a palavra a cada personagem. Eu tinha em mente Otto Lara Rezende, escritor da minha idade. Imaginei o que seria se Otto Lara Rezende tivesse ficado em Belo Horizonte. O livro, então, era a história de Otto, escritor mineiro de 65 anos descrevendo a infância dele — que era a minha infância. Mas o que aconteceu? Otto — que era o personagem Ageu Rigueira — não aceitou a minha infância! (ri). Recusou! Inventou uma outra infância.

— A presença de Carlos Drummond atravessa todo o livro, através da citação de versos. Carlos Drummond é a encarnação do que você chama de "mineiridade"?

— Eu estou construído por Carlos Drummond de Andrade. Assim como os velhos citavam axiomas do tipo "quem com ferro fere com ferro será ferido", eu cito seus versos. O livro tem 150 poemas citados. Pelo menos trinta são de Carlos Drummond, a maior expressão de nós. Drummond deu voz ao nosso sentimento do mundo. E é manifestação de algo típico da literatura modernista brasileira: o lirismo envergonhado.

— Você trabalha duro no texto. Quer dizer, então, que não acredita nos escritores que escrevem sem grandes dificuldades?

— Produzo o livro às golfadas. E são golfadas do inconsciente. Não sei o que vou escrever, quando estou escrevendo. Os capítulos me saem. Depois de saídos, no entanto, me dão um trabalho infernal. Escrever, para mim, se parece com sonhar. Durante três anos e meio, convivi com onze personagens de *Migo* com mais intimidade do que convivi com minha mulher. Um romance é uma aventura íntima, profunda, carnal.

— Há, no livro, citações a personagens como Tancredo Neves e Glauber Rocha. Quais são os outros personagens reais identificáveis?

— Tancredo Neves aparece no livro para datar. *Migo* é verdadeiro, e cita frequentemente o nome de pessoas concretas. Há um capítulo, *Geração*, em que falo de Fernando Sabino, Otto Lara, Paulinho Mendes Campos. Digo: "Minha geração literária se foi. Estão curtindo seus talentos à beira-mar. Desconfio, às vezes, que o talento deles, inconfesso, secreto, é de inspetor de bundas da praia de Copacabana. Mas todos se publicam, são gabados, elogiados. Fernando tem orgasmos de estilo. Autran, espasmos de fantasias romanescas. Otto, acadêmico, tira ouro do nariz, romanceira raro, mas se exerce, estilista, em crônicas globais". (N: Nesta altura, Darcy Ribeiro lê em voz alta, emocionado, a referência que faz ao psicanalista, escritor e amigo de juventude Hélio Pellegrino).

— Você já tratou literariamente a experiência que teve com a proximidade da morte, quando estava doente de câncer no pulmão?

— Toda a minha literatura, na verdade, decorre daí, no seguinte sentido: eu estava ocupado em salvar o mundo, como estou como político, quando fiquei doente. Jogado nessa tarefa, caí do cavalo, em Paris. Descobri que tinha um câncer. Não sabia que era mortal. Ser mortal me assustou mortalmente. Eu era um dos exilados mais odiados da ditadura. Deixaram que eu voltasse, porque voltei para mor-

rer no Brasil. Aconteceu que eu não queria morrer! Não morri. Voltei e rasguei os manuscritos anteriores. O que há de novo é que a carnalidade com que escrevo os meus romances, a verdade erótica e vital do drama de viver que aparece nos meus livros, é uma verdade de alguém que levou um susto.

— Você diz que é feito de vazios. A literatura consegue preenchê-los?

— Não tive pai. Meu pai morreu quando eu tinha três anos. Para mim, Pai é um vazio, algo longínquo. Há, no livro, duas interpretações da morte do pai. Então, o pai que não existiu como presença e não me influenciou me dá a liberdade de não ter sido domesticado. Também não tive filhos. Não tive de domesticar ninguém. Não domesticuei nem fui domesticado, o que me dá uma espécie de liberdade.

— Como é possível, afinal de contas, conciliar o pragmatismo da política partidária com a utopia e o delírio do escritor?

— Meus colegas políticos adoram ficar conversando política até duas horas da manhã. Não fico nunca. Sou meio transpartidário. O que corresponde ao partidário é, em geral, uma atitude sectária. Não tenho esta atitude. Você me pergunta: e o intelectual? E a fantasia? A minha fanta-

sia, no caso da política, não é desvairada. O que me dói é o sentimento de ver jovens sem esperança no Brasil. Eu tenho é orgulho dos meus fracassos. Como pode alguém ter orgulho de fracassos? Assim: eu me orgulho de estar há quarenta anos lutando pelos índios. Eles não foram salvos. Toda a minha vida lutei por uma reforma agrária. Fracassei. Ganhou o latifúndio. Mas prefiro estar do lado de cá. Eu lutei a vida inteira por uma escola pública como os Cieps. O governo atual vem acabando com meus Cieps. É um fracasso. Mas prefiro estar na minha posição — e não no lugar dos que negam educação ao povo.

— Valeu a pena trocar a produção literária pela atividade política, durante um certo período?

— Tudo vale a pena. Faço política por um imperativo ético. Eu era um esquerdinha. Tinha a postura comum aos sujeitos que se acham progressistas e pensava como todos eles pensam: a catástrofe virá um dia. Haverá o caos. E, em cima do caos, vão chamar você para fazer a utopia. A mentalidade política brasileira de esquerda é esta, o catastrofismo. Deixei de ser catastrofista desde 1954, quando Getúlio Vargas deu um tiro no peito.

— Você é frequentemente citado como

megalomaniaco. A megalomania faz bem à arte?

— Eu sou é grande mesmo! (ri). Não é mania! Sou megalô só. Vou irritar os que não gostam de mim: vivo comigo há sessenta e cinco anos, intimamente, boca com boca — e gosto! Gosto de mim. Fui bem feito. Tive até câncer — que não era para mim. O tiro devia ser para outro. Mas caiu em mim. Arranquei um pulmão, joguei fora, passei bem por tudo. Gosto de mim como sou. Adoro viver. Adoro comer. Adoro amar. Adoro escrever. Com o câncer, corri perigo de morrer. Fiquei assustado. Morrer é uma pena. O mundo ia ficar órfão de mim! (ri).

— Em quantas vidas se divide Darcy Ribeiro?

— O velho Goethe dizia que um homem de gênio é aquele que é capaz de fazer uma coisa só. Faço qualquer coisa. Fico envergonhado, porque gostaria de ser um homem de gênio. Que etnólogo ficou mais tempo no mato do que eu, no trabalho com os índios? Fiquei dez anos. Tenho duas mil páginas de diário. Nesse dez anos, como escrevo muito, fiz diário, em grande parte com índios que nem existem mais.

ID — Por que não publicou o diário feito entre os índios?

— Não tenho preocupação nenhuma. Não há qualquer dúvida de que os diários serão publicados. Já estão prontos e escritos. Não existe mal algum em que alguém, no futuro, publique os meus diários de campo. Os fazimentos sempre me interessam. Se o diabo me chamasse, como Newton Cardoso me chamou em Minas, para fazer cem Cieps, eu iria. Faço cem Cieps para o diabo! O que importa é esse fazimento. Quem quiser fazimento bom, grande e ambicioso me procure!

— Que participação você teve nos contatos do ex-presidente Tancredo Neves com o então governador Leonel Brizola?

— Brizola tinha, no exílio, a grande capacidade de telefonar a cobrar para Tancredo Neves. "Aqui é Leonel Brizola. O senhor paga?" (ri muito). E falava meia hora. Em 1985, todos aceitamos uma eleição indireta — que seria a última — por um período de dois anos. É o que Brizola conversou com Tancredo. Dois anos de exercício da presidência, para que Tancredo convocasse eleições diretas, honestas e sérias e redemocratizasse o país. Dois anos. O próprio Tancredo tinha dito, em certo momento, que seriam, no máximo, quatro anos.

— O ex-presidente Tancredo Neves fez a Brizola referência a um mandato de transição de dois anos?

— Eu me lembro, na conversação com Brizola naquele tempo, que Tancredo Neves admitiu, nos encontros, que em dois anos faria a missão de redemocratização. Tancredo admitiu: "Minha missão vai ser redemocratizar o Brasil, enfrentar a dívida externa e os problemas da inflação. O meu mandato pode ser curto".

— Você acusa as nossas elites de serem as mais cruéis do planeta, porque não se comovem com o sofrimento do povo. Afora o sofrimento do povo, o que comove Darcy Ribeiro, hoje?

— O que me comove é envelhecer. Isso me entristece. Eu não merecia envelhecer! (ri). O que me comove é morrer. Eu não merecia morrer. Deveria ser eterno. A imortalidade — não a da Academia, mas a de fato — seria ótima. Tenho pela frente uns dez anos de vida útil. Nesses anos, eu gostaria que o Brasil desse certo. Há um prazo: não pode ser mais do que dez anos, porque, antes de morrer, quero ver esse país bonito. Vou continuar brigando.